

**SANTA TERESINHA
DO MENINO JESUS**

Um convite ao combate espiritual

COLEÇÃO ESPIRITUALIDADE

- *Não morro... Entro na vida: últimos colóquios*, Santa Teresinha
- *Conselhos e lembranças*, Santa Teresinha
- *O espírito de Santa Teresa do Menino Jesus*, Carmelo de Lisieux
- *Santa Teresa de Jesus: mestra de vida espiritual*, Gabriel de S. Maria Madalena
- *A infância espiritual: Santa Teresinha*, Ângelo R. Lucena
- *Retiro com Santa Teresinha do Menino Jesus*, Pe. Liagre
- *São João da Cruz: doutor do “Tudo e Nada”*, Pedro Paulo di Berardino
- *Itinerário espiritual de São João da Cruz*, Pedro Paulo di Berardino
- *O amor não cansa nem se cansa*, São João da Cruz
- *São João da Cruz: noite escura lida hoje*, Jesús M. Ballester
- *Vida de Santa Catarina de Sena*, João Alves Basílio
- *Teu amor cresceu comigo: Teresa de Lisieux – Gênio espiritual*, Bem-aventurado Maria-Eugênio do Menino Jesus
- *A Virgem Maria*, Santo Agostinho
- *As cartas*, Santa Catarina de Sena
- *Itinerário espiritual de Santa Teresa de Ávila: mestra de oração e doutora da Igreja*, Pedro Paulo di Berardino
- *Ao sopro do Espírito: oração e ação*, Bem-aventurado Maria-Eugênio do Menino Jesus
- *Acídia: vírus que mata o amor*, São Gaspar Bertoni
- *O caderno dos meus pecados: autobiografia*, Santa Gemma Galgani
- *Pensamentos espirituais sobre São José*, Dominique Joseph
- *Santa Teresinha do Menino Jesus: um convite ao combate espiritual!*, Frei Edmilson Carvalho, O.Carm

FREI EDMILSON CARVALHO, O.CARM

**SANTA TERESINHA
DO MENINO JESUS**

Um convite ao combate espiritual



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: *Frei Darlei Zanon*

Gerente de design: *Daniilo Alves Lima*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *Caio Pereira*

Imagem da capa: *iStock*

Capa: *Gustavo Gomes*

Diagramação: *Gustavo Gomes*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Carvalho, Edmilson.

Santa Teresinha do Menino Jesus: um convite ao combate espiritual / Frei Edmilson

Carvalho. - São Paulo: Paulus, 2022.

Coleção Espiritualidade.

Bibliografia

ISBN 978-65-5562-706-0

1. Teresinha, Santa, 1873-1897 2. Santos cristãos I. Título II. Série

22-4376

CDD 235.2

Índice para catálogo sistemático

1. Teresinha, Santa, 1873-1897



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos

lançamentos e nossas promoções: paulus.com.br/cadastro

Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2022

© PAULUS – 2022

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-706-0

Aos confrades, pelo incentivo, e às comunidades
da Paróquia Profeta Elias de Curitiba, PR,
onde gestamos e celebramos o combate espiritual.

Gratidão a Frei Clodovis Boff, OSM,
pelo incentivo e testemunho místico
que deixa transparecer
ao prefaciá-la esta pequena obra.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS	8
PREFÁCIO	9
INTRODUÇÃO	15
1ª MEDITAÇÃO Santa Teresinha: sonhando com o combate	19
2ª MEDITAÇÃO Santa Teresinha: um combate sem tréguas	24
3ª MEDITAÇÃO Santa Teresinha: uma vida de lutas	29
4ª MEDITAÇÃO Santa Teresinha: a conversão da guerreira	34
5ª MEDITAÇÃO Santa Teresinha: o combate com a cruz	40
6ª MEDITAÇÃO Santa Teresinha: o combate com a espada do Espírito	46
7ª MEDITAÇÃO Santa Teresinha: o combate com Maria	51
8ª MEDITAÇÃO Santa Teresinha: o combate com a oração	56
9ª MEDITAÇÃO Depois do combate, o “repouso” no Coração de Jesus	61
CONCLUSÃO	67
A NOVENA DAS ROSAS	71
REFERÊNCIAS	79

LISTA DE ABREVIATURAS

- CA** Cadernos Amarelos (últimos colóquios com Madre Inês). O primeiro número indica o dia; o segundo, o mês; o terceiro, a palavra deste dia
- C** Cartas
- MA** Manuscrito Autobiográfico A
- MB** Manuscrito Autobiográfico B
- MC** Manuscrito Autobiográfico C
- P** Poesias. O primeiro número indica a poesia; o segundo, a estrofe
- OR** Orações de Santa Teresinha
- RC** Regra do Carmo
- RP** Recreações Piedosas. O primeiro número indica a recreação piedosa; o segundo, a cena, ou, no caso de uma recreação piedosa composta apenas em versos, a estrofe.
- LG** *Lumen Gentium*. Concílio Vaticano II: Constituição Pastoral sobre a Igreja

PREFÁCIO

Frei Clodovis Boff, OSM

Santa Teresinha: pequena no nome e grande no espírito! Quem frequentou seus escritos e superou tanto a imagem oleográfica que dela se difundiu quanto a forma pequeno-burguesa de seu estilo literário fica pasmo diante da sua imensa estatura espiritual.

Um escritor ortodoxo russo, D. Merezhkovsky, a pôs ao lado dos maiores gênios do cristianismo, como Paulo, Agostinho e Francisco. Um escritor chinês convertido, John Wu, disse que ela era a síntese da compaixão de Buda, da sabedoria de Confúcio e do desapego de Lao-Tsé. Não há, nos últimos séculos, uma só figura espiritual que tenha merecido elogios tão magníficos.

Admirável e mesmo assombrosa é a atualidade dessa Doutora da Igreja. Em nosso mundo complexo, confuso e relativista até o niilismo, ela vai ao que é fundamental, central, essencial: o amor confiante em Deus. Ela vive efetivamente, com toda a paixão da sua alma, a experiência de um amor ilimitado a Deus visto como Pai, a Cristo considerado como esposo e ao Espírito cultuado na intimidade do coração.

Mas foi sobretudo sua experiência espiritual que se tornou a mensagem que ela quis passar para o mundo e que chamou de “pequena via”. Deu-lhe esse nome porque a quis acessível a todos, em particular aos que se sentem fracos e pobres de coração. É uma proposta que contrasta com uma modernidade que se quer “adulta”, independentemente de qualquer poder

superior. Essa via – como ela mesma diz – é um “atalho” para o coração de Deus, que dispensa as muitas voltas propostas pela maioria dos caminhos espirituais. Ela a comparou, ainda, a um elevador, por dispensar os muitos lances que as várias escadas espirituais obrigam a vencer. Nada mais oportuno num mundo como o nosso, que, de tão pluralista, se tornou complicado e confuso.

Como mostra o livro de Frei Edmilson, impressionam a determinação e a intensidade com que a pequena Teresa viveu sua espiritualidade de abandono confiante ao Amor. Como são comoventes a aplicação, o zelo e a inteireza com que quer agradar a seu esposo celeste. Ela não deixa escapar sequer um átimo de sua vida sem vivê-lo num amor atento e concentrado. Nada em sua vida, por mais insignificante que pareça, se passa à toa ou mediocrementemente. Ela põe o coração por inteiro em cada evento e em cada relação, vendo aí a mão amorosa e sábia do Pai. Em virtude de tal intensidade espiritual, seu espírito amadureceu em pouco tempo. Dela se pode bem dizer o que se lê no livro da Sabedoria: *Consumata in brevi, explevit tempora multa*. Em poucos anos – 24! –, viveu uma vida longa.

Com menos de dez anos de Carmelo, elevou-se tanto na inteligência dos mistérios divinos, que bem pode ser colocada “entre os grandes mestres espirituais”, como declarou João Paulo II. E Bento XVI acrescentou: “Ela iluminou toda a Igreja com sua profunda doutrina espiritual”. O amor, e só o amor, mas um amor confiante e inteiro, humilde e sorridente, “mesmo entre lágrimas” – tal é a grande lição de Teresa. Ela não se contentou em amar: quis ser amor, como exclamou ao descobrir, arrebatada, sua vocação: “No coração

da Igreja, minha mãe, serei o amor” (*Man. B, 3v*). Platão dizia que conhecia apenas uma “ciência”, que dizia pequena: a “ciência do amor” (*Banquete e Teage*). Mas nisso “a mais jovem Doutora da Igreja” supera de longe esse pensador, pois ele ficou na teoria do amor, enquanto ela se aprofundou na prática do amor, do único amor que merece esse nome.

Às coirmãs que lhe perguntavam o que ela, fisicamente fraca e pouco prática, sabia fazer para justificar a ida, por que tanto ansiava, ao novo Carmelo de Saigon, respondeu: “Eu sei fazer duas coisas: sofrer e amar”. Que sabedoria nessa resposta! E quanta maturidade interior revela! Ciência exímia, apanágio de pouquíssimos, esse de saber sofrer e amar. Sabedoria dupla que é, em verdade, uma só! Foi bem merecido o título que lhe deu o santo papa Wojtyla: “especialista na ciência do amor”. Isso é tanto mais que relevante no mundo moderno quanto mais este é obsedado pelo “amor da ciência”, enquanto ignora ou compreende mal a “ciência do amor”.

O presente livro, como diz o subtítulo, põe em evidência o lado combativo de Teresa. Era, de fato, uma mulher intrépida, com alma de Joana d’Arc. Mas sua guerra era movida apenas por amor e com amor. Os grandes amantes são sempre grandes combatentes. O amor de Teresa, embora da mais extrema sensibilidade e ternura, era sempre forte e realista.

Era uma mulher corajosa e honesta consigo. Queria viver na verdade, custasse o que custasse. Nada concedia às ilusões, a que dava caça até nos esconderijos mais recônditos da alma. Eis alguns impressionantes testemunhos de sua sinceridade a poucos meses de sua morte (1897). “Digo (às coirmãs) a verdade inteira. E que não me venham procurar se não quiserem sabê-la” (Caderno amarelo, 18 de abril). À irmã Inês, que lhe

pedia dizer algo de edificante ao médico agnóstico, reagiu: “Não é meu gênero! Que ele pense o que quiser. Tenho horror ao fingimento!” (*Caderno amarelo*, 7 de julho). Confessa: “Jamais fiz como Pilatos, que se recusou a ouvir a verdade. [...] Ó meu Deus, fazei que eu veja as coisas como são. Que nada me atire poeira nos olhos” (*Caderno amarelo*, 21 de julho). A uma irmã que lhe falava da visão de anjos que ela teria na hora da morte, comentou: “Todas essas imagens não me fazem bem, pois só posso me alimentar da verdade. É por isso que nunca desejei ter visões” (*Caderno amarelo*, 5 de agosto).

Mas seu amor era principalmente puro, implacável contra toda autocomplacência. Isso se viu particularmente na terrível crise espiritual que a acometeu no último ano e meio de sua vida na terra. Parecia, então, que a devastação que a tuberculose produzia em seu jovem corpo penetrava também em sua alma. Esta se viu tão despojada de toda consolação sensível que mais parecia um deserto. Como testemunhou, ouvia as trevas zombeteiras lhe segredarem: “Sonhas com a luz... com uma pátria perfumada... com a eterna posse do criador... Acreditas um dia poder sair do nevoeiro que te envolve. Avança, avança para a morte, que não te dará o que esperas, mas uma noite ainda mais profunda: a noite do nada” (*Man. C*, 6f).

Mas não é esta a experiência espiritual do niilismo, termo fatal de um mundo que decidiu viver “como se Deus não existisse”? Quem diria que, do fundo de seu claustro, uma jovem carmelita desconhecida viveria em profunda comunhão espiritual, “nas entranhas de Cristo”, com as grandes correntes de pensamento do tempo, como o ateísmo e o niilismo? “A luz divina”, como confessa, fê-la entender que sua aterradora provação era o modo de partilhar o “pão da dor” com os “sem

fé” (pensem em Nietzsche e nos outros grandes ateus do seu século), sentada com eles à “mesa coberta de amargura” (*Man. C, 6f*). Chama-os de irmãos, pede que Deus os perdoe por sua impiedade e lhes conceda a luz da fé e a graça da justificação. Vai tão longe sua identificação com aqueles ímpios que “aceita, se for preciso, comer sozinha o pão da provação para purificar a mesa por eles maculada” (*Man. C, 6f*). Admirável comunhão, vivida “nas entranhas de Cristo”, digna das almas mais generosas! Foi assim que o niilismo pôde ser vencido: não por uma funesta “vontade de potência”, que só pode dar no holocausto para os outros, como viu o trágico século XX, mas pela força de um amor de compaixão e redenção que se imola, como Cristo, por amor aos perdidos.

Um dominicano, o Pe. B. Bro, comparou Teresa de Lisieux a Marx, Nietzsche e Freud, porque ela teria, como esses influentes pensadores modernos, enfrentado os abismos do espírito humano. Mas em comparação com a profundidade abissal da experiência espiritual daquela jovem mulher, esses três pagãos admirados se mostram tremendamente superficiais. Assim, perante o desafio de sondar, e não só em teoria, os abismos interiores do homem, é Teresa Martin que se mostra uma profissional, enquanto eles... eles não passam de amadores.

Por tudo isso, é com toda a razão que Teresa Martin merece o título que São Pio X lhe conferiu: “a maior santa dos tempos modernos”.

Curitiba, 15 de agosto de 2014,
Festa da Assunção da Virgem Maria